

# Mantega e economistas buscam saídas para crescer

*Propostas serão entregues ao ministro da Fazenda*  
**Antonio Palocci**

**SABRINA LORENZI**  
Rio

Pelo menos uma dúzia de economistas contrários às mornas taxas de crescimento da economia mostraram ontem que é possível criar alternativas à política econômica sem medidas ditas heterodoxas e sem dar calote. Renomados especialistas de diversas entidades se encontraram ontem na sede do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para dar início a um movimento de diversificação da política econômica. O resultado será um documento que será entregue ao ministro da Fazenda Antonio Palocci pelo presidente do banco de fomento Guido Mantega.

Eles começam a discussão com o objetivo de fazer a economia brasileira crescer com sustentabilidade, com taxas de 4,5% a 6% ao ano. O consenso seguinte trata dos investimentos, que precisam crescer. Defendem tanto juros mais baixos, como redução de gastos do governo, como maneira de viabilizar mais recursos para a infra-estrutura.

Na hora de definir como os gastos devem ser reduzidos é que os caminhos começam a se ramificar. Os extremos da discussão surgem quando o assun-

to é controle de capitais, defendido pelo professor Yoshiaki Nakano, da Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP) e atacado por Mantega. "A queda dos juros é o desejo de toda a nação, inclusive do presidente Lula. Vamos reunir soluções que atendam a esses anseios, baixando os juros mais rapidamente. E a proposta de déficit nominal zero é um caminho para reduzir os juros", diz Mantega.

**Yoshiaki Nakano (FGV)** - Defende a segmentação da Selic em duas: uma monitorada pelo Tesouro, com foco na remuneração de títulos públicos, de longo prazo. E outra taxa aplicada pelo Banco Central, com alvo na demanda, na inflação e na moeda.

Segundo ele, o Brasil adotou estratégia errada de abertura comercial, que privilegia ativos financeiros em detrimento a ativos produtivos. "Passamos a ter política macroeconômica que não mudou". É apontado pelos colegas como precursor da proposta de déficit nominal zero. "A proposta permite discutir e reformular gastos, racionalizar serviço público e segregar a taxa de juros."

**José Francisco Graziano (Unicamp)** - O criador do Fome Zero é a favor de mudanças na política monetária para aumentar o superávit primário. "Só não pode ser com corte de verbas

sociais, seria um retrocesso."

**Antonio Barros de Castro (UFRJ)** - Avalia que o crescimento de 3,5% projetado para este ano é medíocre. Enxerga saída no desenvolvimento tecnológico e na inovação. E, enquanto diretor de Planejamento do BNDES, até cogita a possibilidade de um programa do banco voltado para a inovação.

**Júlio Almeida (Iedi)** - "Austeridade não pode prejudicar o que o Brasil mais precisa, que é justamente investimento público em infra-estrutura", diz. O pior, segundo ele, é que o País está perdendo competitividade justamente onde a indústria é intensiva em mão-de-obra. A onda de investimentos em grandes projetos esmoreceu. "Precisamos recuperar investimentos com juros mais baixos."

**Antônio Correia de Lacerda** - É a favor da flexibilização das metas de inflação e contra as formulações de projeções de desempenho do PIB. "O que motiva investimento é a expectativa de crescimento da economia." Para ele, o regime de metas de inflação é importante mas não pode ser o único alvo da política econômica.

**Guido Mantega** - Diz que a proposta do déficit zero tem virtudes e defeitos. É a favor desde que não comprometa investimentos. "Pode reduzir custo mas não investimento e para isso deve-se fazer com corte de custeio por meio de uma mudança na política monetária. Avalia que não há problema de aquecimento da demanda."



Yoshiaki Nakano